

**DESEJOS E CONFLITOS SOCIOCULTURAIS DE EMMA BOVARY:
O DISCURSO FEMINISTA MANIFESTO EM PENSAMENTO****WHISHES AND SOCIO-CULTURAL CONFLICTS OF EMMA BOVARY:
THE FEMINIST MANIFEST SPEECH IN THOUGHT**

Milca TSCHERNE¹
Alice Meira INÁCIO²
Aline Bruna Barbosa ARAÚJO³

Resumo: Este artigo propõe-se a apresentar uma análise discursiva das manifestações psicológicas da personagem Emma Bovary frente à repressão sócio-histórico-cultural vivida por ela no romance realista *Madame Bovary* (1857), do escritor francês Gustave Flaubert (1821-1880). No romance, é possível observar que os conflitos de Emma giram em torno da temática do casamento e do adultério, e, partindo desta premissa, a partir da análise semiolinguística do discurso, mais especificamente, do dispositivo de contrato sociocomunicativo proposto por Patrick Charaudeau (2008), pretendemos investigar como o autor constrói a imagem da personagem diante do comportamento imposto à mulher no século XIX e assim, traçar correspondências de determinadas posições sócio-histórico-culturais do momento em que a obra foi publicada com o contexto histórico atual.

Palavras-chave: Análise do discurso, contrato sociocomunicativo, Emma Bovary, conflitos socioculturais, *ethos*.

Abstract: This paper proposes to present a discursive analysis of the psychological manifestations of the character Emma Bovary front of the social historical cultural repression experienced by her in the realistic novel *Madame Bovary* (1857), by Gustave Flaubert (1821-1880). In the novel, Emma's conflicts revolve around wedding and adultery, and, from this premise, based on the semiolinguistic analysis of discourse, more specifically the socio-communicative contract device proposed by Patrick Charaudeau (2008) we intend to investigate how the author builds the image of the character in front of the behavior imposed to women in the nineteenth century, thus, trace correspondences of certain social historical cultural positions of the moment that the work was published with the current historical context.

Keywords: Discourse analysis, socio-communicative contract, Emma Bovary, socio-cultural conflicts, *ethos*.

¹Doutora em Estudos Literários (UNESP /Araraquara). Professora da área de Letras, com ênfase em Literatura Portuguesa na AFARP-UNIESP (União das Instituições Educacionais do Estado de São Paulo). E-mail: milcatscherne@gmail.com

² Mestre em Letras: Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP/ Bolsista FAPEMIG). Professora de Linguística no curso de Letras e professora de Estudos da Linguagem nos cursos de Administração e Artes da AFARP-UNIESP (União das Instituições Educacionais do Estado de São Paulo). E-mail: alicinacio@gmail.com

³Aluna de licenciatura em Letras na AFARP-UNIESP (Associação Faculdade de Ribeirão Preto – União das Instituições Educacionais de São Paulo) – Brasil - 14010-060. E-mail: alinerockaraujo@hotmail.com

“O pássaro que alçar voo acima da planície da tradição e dos preconceitos deve ter asas fortes. É um triste espetáculo ver pássaros fracos, feridos, exaustos, adejando de volta à terra”. (Kate Chopin. *The awakening*)

Introdução

O presente artigo surgiu do interesse pela investigação da representação de uma figura feminina que problematizasse as configurações ideológicas de cunho patriarcal, enraizadas na sociedade, cujos vestígios de tal pressuposto, supomos que podem ser analisados em excertos discursivos da personagem Emma da Obra *Madame Bovary* de Gustave Flaubert (1857).

A literatura, segundo Althusser (1974), é uma das instituições capazes de contestar, reforçar e/ou cristalizar valores de um determinado contexto social. Com isso, analisaremos, sob a perspectiva dos estudos da crítica feminista e da semiolinguística, como Flaubert, por meio do discurso literário, constrói o papel do feminino transgressor frente aos ideais burgueses do século XIX. Nossa intenção, neste trabalho, é realizar um estudo no nível da enunciação, em que partindo do dispositivo de contrato sociocomunicativo de Charaudeau (2008) e tomando como embasamento teórico os estudos sobre a enunciação de Maingueneau (2005), buscaremos identificar as vozes discursivas presentes na narrativa, que apontam, segundo nossa hipótese, os desejos ocultos e os conflitos de gênero vividos tanto pela mulher do século XIX quanto do século XXI.

A Obra *Madame Bovary* (1857) foi alvo de muitos escândalos, pois tratou de temas delicados para a época, tais como: o tédio, a desilusão e o adultério feminino. Tal obra é constantemente revisitada e atualizada pelos estudos da crítica literária e feminista, devido ao fascínio que desperta em seus leitores. Em termos de estilo, constitui uma obra absolutamente renovadora, pois mesmo ao afirmar que queria escrever “um livro sobre o nada” (FLAUBERT *apud* MORETTO, 2006 p. 10), Flaubert (1821-1880) apresenta-nos uma linguagem tão ou mais importante quanto o enredo, tamanha a sua preocupação com a estética, o que o levou a exaustivos cinco anos para concluí-la (1851-1856). Não em vão, *Madame Bovary* (1857) é considerada a maior expressão da alta literatura precursora do Realismo.

Com acentuados traços de “efeitos reais”, como afirma Barthes (1987) em seu artigo *O efeito de real* (1987), objetividade e riqueza de detalhes, Flaubert (1821-1880) traça uma crítica contundente aos costumes e valores da burguesia emergente da França, pois ao abordar a mediocridade e estupidez do homem, em uma estrutura formal, de perfeição estilística, escandaliza boa parte de seus leitores, pela naturalidade com que aborda o adultério feminino,

retratado duplamente, pela impessoalidade de sua escrita, como algo belo e ao mesmo tempo subversivo.

Emma não nos é apresentada logo de início, ela surge aos poucos, como a jovem provinciana de educação romanesca que vê na figura de Charles Bovary o herói romântico dos livros, que irá salvá-la da monotonia do campo. Entretanto, essa expectativa é frustrada logo nas primeiras semanas da vida de casada, pois Charles, ao contrário do que se espera em uma cultura patriarcal, mostra-se passivo, submisso e apático aos desejos voluptuosos da heroína.

Esse choque de expectativas gera uma tensão e uma oposição discursiva entre dois universos distintos: o mundo interior de Emma Bovary e o mundo exterior com o qual a protagonista se debate permanentemente. Na narrativa, ambos os mundos são representados cada um a seu modo. Emma Bovary e seu universo interior, com seus pensamentos e desejos, recebem tratamentos que representam formas da enunciação da consciência, buscando revelar e descrever a sua vida psíquica. Isso acontece por meio do discurso indireto livre, de monólogo interior, de trechos em que a voz do narrador está presente, embora com a sugestão de uma enunciação atribuída à Emma. Dessa forma, acessamos, de modo verossímil, o conteúdo interior da protagonista e percebemos que o seu discurso se choca com todo o universo externo que a rodeia, representado por outras vozes presentes no tecido narrativo. Vozes estas que se revelam consoantes com a moral e a ideologia da sociedade burguesa do século XIX.

Panorama histórico

No século XIX, as temáticas da literatura, não raramente, giravam em torno do casamento e da problemática do adultério. Uma maneira de expurgar a idealização em torno do amor e do matrimônio, largamente explorado pela estética do Romantismo. Com o advento da Revolução Francesa e da expansão científica, as mulheres começam a frequentar espaços sociais e de trabalho. É também neste período que surgem alguns movimentos feministas, sobretudo, na Inglaterra e na França. Essas mulheres reivindicavam o acesso à educação, trabalho e direitos políticos para todos. Paralelo a essas manifestações, o discurso científico, moldava, segundo os estudos de Regina Neri em seu livro *A psicanálise e o feminino: um horizonte da modernidade*, o papel do feminino nessa nova sociedade que emergia. “Trata-se

de converter a bruxa em madona, elevar o feminino à dignidade da maternidade” (NERI, 2005, p. 105).

O Código Civil francês de 1802 e a moral religiosa desempenharam esse papel contendor da autonomia feminina, ao estabelecer total dependência da mulher ao seu pai, e, após o casamento, ao seu marido. E, caso a mulher almejasse ingressar no mercado de trabalho, deveria pedir permissão aos seus “superiores”. A educação voltada às mulheres daquele período destinava-se ao ensino de música, arte, costura e religião. Muitas vezes em conventos, como ocorre com Emma Bovary. A ciência e os estudos políticos, sociais e filosóficos não entravam na grade curricular feminina. As mulheres da época deveriam dedicar-se aos afazeres domésticos e desempenharem o papel de **rainha do lar**.

Definição de gênero e o papel da literatura

Antes de iniciarmos a análise dos nossos *corpora*, faz-se necessário definirmos o conceito de gênero. De acordo com Scott (1995), gêneros são construções sociais e dizem respeito às relações entre os sexos. Seu emprego rejeita, sobretudo, as explicações biológicas sobre o feminino e o masculino. De acordo com a autora, o conceito de homem e de mulher, é construído culturalmente. As identidades e papéis desempenhados por eles, na sociedade, são impostos sobre seus corpos sexuados. Dito de outra forma, em um contexto patriarcal, por exemplo, ser “homem” é estar associado à força, à virilidade e à objetividade. E “mulher”, à maternidade, à subjetividade e à delicadeza (SCOTT, 1995, p. 74). Sendo assim, os estudos feministas apontam a relevância decisiva da educação e da família, bem como, dos diferentes veículos de informação, no processo de cristalização e transmissão de valores, que são inculcados na sociedade e delineiam as atitudes de homens e de mulheres ao longo da história.

Emma Bovary fora educada nos moldes do sistema patriarcal e influenciada por livros românticos, carregados de estereótipos machistas. Estes livros eram os principais veículos de informação do século XIX, e desempenhava um papel importante na sociedade burguesa da época, pois era uma das maneiras de se reivindicar o direito e o acesso ao conhecimento. Através de suas leituras, Emma realiza o processo de **interpelação** conceito retirado da teoria de Louis Althusser, utilizado por Lauretis para explicar como o gênero é absorvido pelo indivíduo, por meio de uma tecnologia específica (LAURETIS 1994, p.220). Segundo a autora, esse processo ocorre mediante a absorção de uma representação social e imaginária (feminino e masculino), por parte do leitor, na medida em que ambos os mundos se

confundem, o real e o ficcional. Esse processo ocorre pela “incapacidade” crítica do sujeito de separar a representação ficcional da realidade.

É por meio dos livros, que Emma buscará a definição dos conceitos como: casamento, amor, prazer e luxúria. Entretanto, essas leituras, segundo Flaubert (1821-1880) e a crítica realista, são uns dos fatores responsáveis pela ruína da personagem, pois o idealismo e a subjetividade a conduzem para um mundo de fantasias e distorcem a percepção do real a sua volta. Observamos essa crítica às leituras de Emma, no discurso da Sra. Bovary mãe, “Ah! Ela se ocupa! Em quê? Em ler romances, maus livros” (FLAUBERT, 2007, p. 120), que a proíbe de assinar folhetins e revistas. Com isso, Flaubert (1821-1880) questiona não só os romances românticos, mas a educação destinada às mulheres daquele período. Emma sente-se uma estranha na sociedade à qual pertence, nega o tempo presente e constrói uma vida baseada em ficções.

Sentir-se o **outro** do discurso, à margem da sociedade, é uma constante quando nos referimos às representações do feminino ao longo da literatura, pois historicamente, as ideias e definições de gênero se dispersam por outros veículos e linguagens, literárias ou não, como o cinema, a publicidade, o vestuário, as leis, os comportamentos, a religião etc. Nas circunstâncias específicas da literatura, isso ocorre por meio do fazer literário do demiurgo masculino. Trata-se da imposição histórica e cultural do discurso do homem, sobre a realidade da mulher. O que gera um mal-estar do feminino na sociedade. Esse discurso imposto se reflete na narrativa de Flaubert, nos diversos *ethos*⁴ socialmente estabelecidos em Madame Bovary (1857). E, que Emma será condicionada a desempenhar.

Mas, se por um lado, Mme. Bovary, no romance, explicita a idealização feminina de uma época, a saber, aquela que vê na figura do homem a sua promessa de ascensão social e a saída para seus conflitos emocionais. Por outro, frustra-se com suas expectativas ao confrontá-las com a realidade, pois Charles Bovary, ao contrário dos heróis dos livros românticos, e do que se esperava do homem de sua época, possui características culturalmente “femininas” como: passividade, resignação e subordinação.

Antes de casar, ela julgara ter amor; mas como a felicidade que deveria ter resultado daquele amor não viera, ela deveria ter-se enganado, pensava. E Emma procurava saber o que se entendia exatamente, na vida, pelas palavras

⁴ Empregamos em nosso trabalho as definições de Maingueneau (2010, p. 79-80), para o conceito de *ethos*: imagens que o sujeito constrói, baseado nas representações sociais julgadas, por si e pelos outros, como positivas ou negativas. Segundo o autor, *ethos discursivo dito*: está relacionado àquilo que o locutor diz de si ou do outro, dentro de um contexto comunicativo. E, *ethos discursivo mostrado*: diz respeito as suas atitudes, gestos e expressões dentro desse contexto.

felicidade, paixão, embriaguês que lhe haviam parecidas tão belas nos livros (FLAUBERT, 2007, p. 44 grifo do autor).

Como é possível observar, Emma não se mostra satisfeita com o matrimônio arranjado, forma que o pai, pequeno agricultor, encontrou para se livrar dela, uma vez que a sua educação elegante, no convento de Rouen, não combinava com a vida rude do interior, “ao pai Rouault não teria desagradado se o livrassem da filha, que pouco lhe era útil na casa” (FLAUBERT, 2007, p. 35). O universo fantasioso das leituras, já não satisfaziam os anseios da personagem. A sociedade mostrava-se então como uma barreira que a impedia de concretizar seus sonhos, pois, todos os objetos de desejo de Emma giravam em torno do poder econômico concentrado nas figuras masculinas, como a ascensão à nobreza com o Visconde e o matrimônio com Charles. Mas é justamente a consciência destas limitações sociais, que levará a protagonista, a desprezar a moral, a hipocrisia e a sujeição feminina. Antes apenas no plano dos pensamentos, *ethos discursivo dito*, mas aos poucos, revelam-se nas atitudes, *ethos discursivo mostrado*, excêntricas adotadas, por ela, na sociedade.

Aliás, não escondia mais seu desprezo por tudo e por todos; e punha-se, às vezes, a expressar opiniões singulares, censurando o que se aprovava e aprovando coisas perversas e imorais: o que fazia com que seu marido arregalasse os olhos. (FLAUBERT, 2007, p.70).

Mme. Bovary torna-se mais agressiva e calculista. Transfere, ou melhor, compensa a ausência de autonomia social, econômica e política na manipulação dos amantes e do esposo, nas compras compulsivas de objetos supérfluos, no endividamento e negociação direta com comerciantes. Para usurpar, com uma vida extravagante e ficcional, a liberdade e os direitos que a mulher não possuía no contexto social da época. Os inúmeros conflitos internos, advindos, na maioria das vezes, por suas frustrações e inadaptabilidade à sociedade provinciana, ocorrem como sintomas da consciência crítica que a personagem possuía, em relação à condição da mulher no século XIX.

Emma desempenha os *ethos* estabelecidos de: mãe, esposa e religiosa, apenas de forma teatral, quando estes lhe são convenientes. Desta forma, coadunamos com o que afirma Mello (2012), em sua dissertação: *Flaubert, Madame Bovary e Emma Bovary: ecos de ethos*. De que as mulheres da época, impossibilitadas de participarem da vida pública, com exceção das operárias, devido a Revolução Industrial são ideologicamente alienadas por uma educação e sociedade patriarcal que não lhes dão outra saída, a não ser a realização pessoal, através do matrimônio. Esta realidade doentia, infeliz e castradora, encaminha a protagonista para um

desfecho com certa ironia trágica e que resulta na desestruturação do núcleo familiar. Flaubert (1821-1880), por meio de Emma, questiona as Instituições responsáveis pela contenção da emancipação feminina, e, embora não encontremos nenhum registro que afirme o contato da personagem com os ideais feministas, está evidente a crítica em relação à religião, ao casamento, e à moralidade do século XIX.

Emma desestabiliza o ideal de mãe protetora, ao protagonizar um episódio de violência doméstica, contra sua filha, da qual evita qualquer laço afetivo, “[...] empurrando-a com o cotovelo. Berthe foi cair junto à cômoda, contra a patera de cobre; cortou a face” (FLAUBERT, 2006, p. 112). Também o de esposa fiel, ao não se culpar ou se envergonhar com o adultério, “Repetia a si mesma: “Tenho um amante! Um amante!”(FLAUBERT, 2006, p. 149). Por fim, desestabilizava o ideal de mulher religiosa e devota, pois tinha sensações eróticas ao confessar-se com o padre:

Quando ia confessar-se, inventava pequenos pecados a fim de ficar lá mais tempo, de joelhos na sombra, de mãos juntas, com o rosto na grade sob o murmúrio do padre. As comparações de noivo, de esposo, de amante celeste e de casamento eterno que se repetem nos sermões provocavam-lhe no fundo da alma doçuras inesperadas. (FLAUBERT, 2006, p. 45).

A subversão da moralidade e ataque às Instituições basilares da sociedade do século XIX, pela protagonista flaubertiana, levou ambos ao tribunal. Tanto Flaubert (1821-1880), quanto *Madame Bovary* (1857), foram processados, na época, por violarem a moral e a Religião da França. São invertidos também os papéis de homem e de mulher na narrativa, Charles por não ser agressivo e autoritário, conforme a sociedade esperava e Emma por não ser submissa e negar a sujeição de seu sexo. Subvertem a organização, entretanto, não alcançam o êxito, pois apenas revelam a violência simbólica que uma educação baseada na diferenciação ao invés da igualdade entre os gêneros resulta; na vida adulta, social e familiar. Apontadas as considerações sobre o gênero e sua representação na Obra em estudo, avancemos, para a apresentação do embasamento teórico que fomenta nossa pesquisa.

O dispositivo de contrato sociocomunicativo proposto pela semiolinguística

A escolha pelos estudos de Charaudeau (2008) se deu pela perspectiva teórica do autor em abordar não só os aspectos textuais do discurso, mas também, as questões psicossociais

que regem as manifestações de linguagem, e as relações entre emissores e receptores, unindo dessa forma, texto e contexto.

Adotamos as concepções teóricas propostas por Abaurre (2007). Compreendemos que o discurso se determina na relação entre os usos da Língua e os fatores extralinguísticos presentes no momento em que esse uso ocorre. Desse modo, segundo a autora, o discurso torna-se o espaço de materialização da forma ideológica⁵, sendo por ela determinada. Embora haja vários estudiosos que se dedicam aos estudos sobre discurso, valemo-nos, para este trabalho, do conceito apresentado por Charaudeau (2011), que não concebe uma divisão muito clara entre **texto**, lugar de representação simbólica da língua, e **discurso**, espaço de significação dos sentidos. Pois, segundo o autor, **texto e discurso**:

Não são as duas faces de uma mesma moeda, porque há discursos diversos num mesmo texto e um mesmo discurso em vários textos. O discurso não é o texto, mas ele é carreado por textos. O discurso é um percurso de significância que se acha inscrito num texto, e que depende de suas condições de produção e dos locutores que o produzem e o interpretam. Um mesmo texto é então portador de diversos discursos e um mesmo discurso pode impregnar textos diferentes. Há discurso atravessando textos diferentes, e um mesmo texto pode ser portador de discursos diferentes. (CHARAUDEAU, 2011, p. 6)

Isto posto, compreendemos que toda manifestação de linguagem mantém uma relação de identidade com os seus produtores e que eles são portadores de posicionamentos sobre o mundo. A partir desta perspectiva, analisaremos os nossos *corpora*: discursos de Emma, utilizando o quadro representativo do contrato sociocomunicacional, apresentado por Charaudeau (2008), no livro *Linguagem e discurso – modos de organização* por nos fornecer de maneira flexível, subsídios teóricos que nos permitem analisar os atos de linguagens e falas, como um contrato entre os interlocutores.

Segundo o autor, “os sujeitos, não são precisos e nem específicos, são lugares de abstração da produção/interpretação da significação“ (CHARAUDEAU, 2001 *apud*, MELLO 2012, p. 31). De forma que o emissor pode se alternar entre **sujeitos comunicantes** (EUc) ou **sujeitos enunciadore**s (EUe); e o receptor em **sujeitos destinatários** (TUd) ou **sujeitos interpretantes** (TUi), dependendo do lugar em que eles ocupam em cada ato de linguagem. Localizados no circuito interno de comunicação. E, as funções languageiras esperadas pelo (EUe) sujeito enunciador e pelo (TUd) sujeito destinatário, dependem do que foi definido, no espaço externo do quadro

⁵ Segundo Chauí (1980, p.113), a ideologia é a representação de ideias e valores, normas e regras de condutas a serem adotadas pelos membros de uma determinada sociedade.

situacional, alusivo ao ato de linguagem determinado pelo (EUc) sujeito comunicante e aguardado pelo (TUi) sujeito interpretante. É, pois, o contexto psicossocial, externo à linguagem, que define as identidades e a intencionalidade do sujeito comunicante, a partir do contrato estabelecido entre ambos. Por questões metodológicas e operacionais, Charaudeau (2008) sugere a aplicação do seguinte quadro para ilustrar como se estabelece o processo comunicativo:

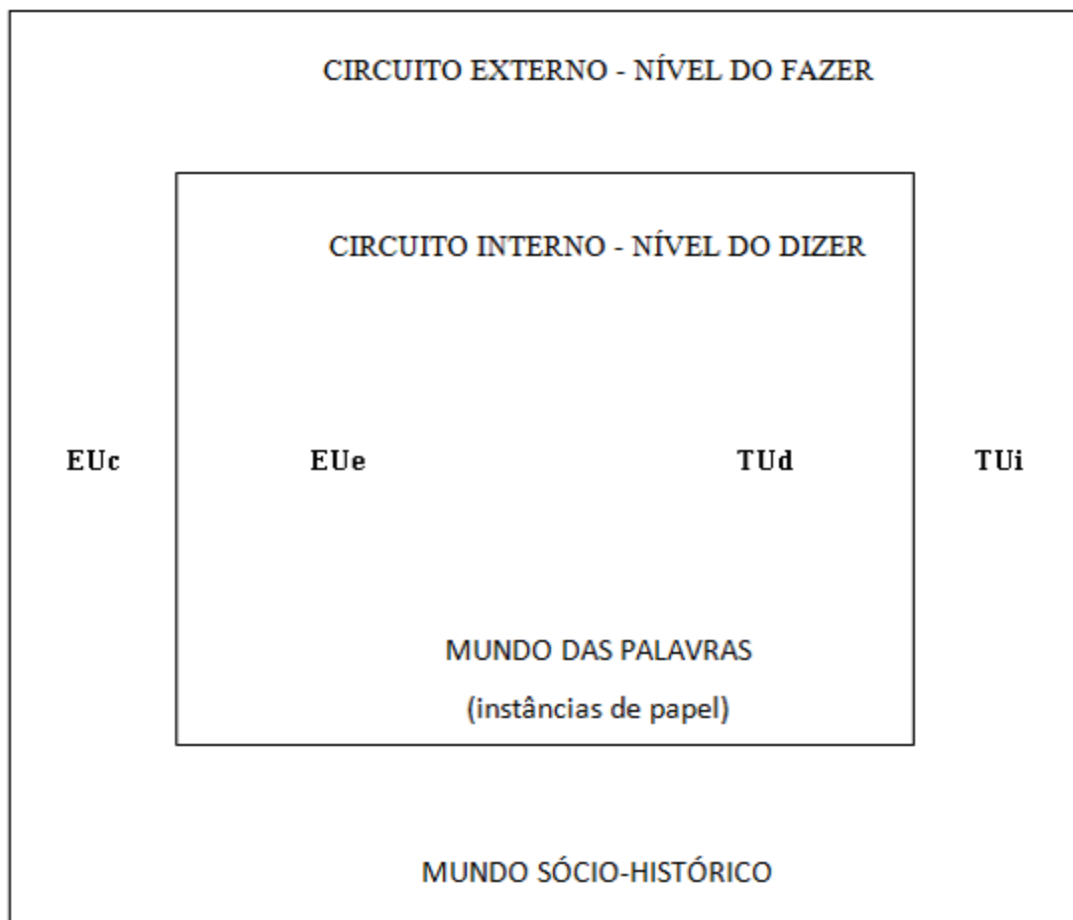


Figura I- dispositivo de contrato sociocomunicativo. (CHARAUDEAU, 2008).

Observa-se no dispositivo sociocomunicativo que no circuito externo, ou seja, no nível do fazer-situacional, há duas instâncias: o (EUc) sujeito comunicante, responsável pela produção discursiva, e pela iniciativa do ato de comunicação, que munido de uma intenção, manipula a palavra com estratégias de encenação, e o (TUi) sujeito interpretante, aquele que de acordo com suas intenções e subjetividade o interpreta. Essa relação comunicativa ocorre de maneira contratual e pertence ao mundo real, onde os sujeitos são denominados **parceiros**. Tanto o (EUc), quanto o (TUi) são instâncias que se instauram e compõem outras.

No circuito interno, ou seja, no nível do dizer-discursivo há dois sujeitos de fala, são denominados **protagonistas** da interação languageira, o (EUE) sujeito enunciator, que é uma construção discursiva realizada por (EUC). É por meio do (EUE) que o (EUC) “diz”. O (TUD) é o destinatário idealizado, o interlocutor de (EUE), mediado pela encenação do **dizer** realizado pelo (EUC). Toda esta encenação será interpretada pelo (TUI).

As instâncias (EUE), (TUD) e (TUI) contribuem para uma coenunciação iniciada por EUC, com intenções comunicativas compartilhada entre si (contratual), influenciadas pelo contexto, ideologia e grupo social a qual pertence (psicossocial). Os comportamentos languageiros, como sabemos, são flexíveis e variáveis, portanto, para cada situação comunicativa teremos uma configuração única e particular. Os níveis do **fazer** e do **dizer** encenam e compõem o ato da linguagem e da fala. Seguiremos, pois, com a aplicação da teoria em nossos *corpora*: discurso de Emma.

O discurso de Emma Bovary sob a ótica semiolinguística

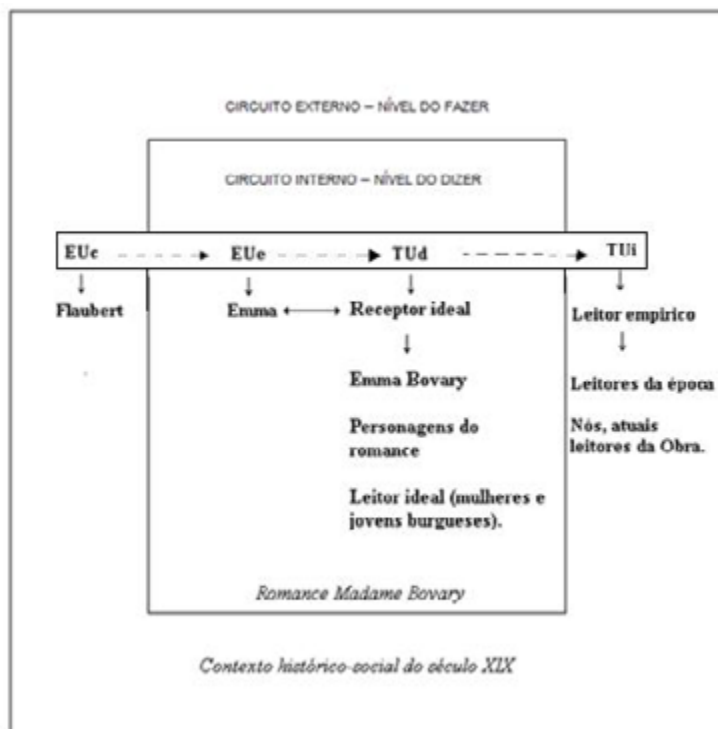
A obra *Madame Bovary* (1857), como sabemos, é complexa e exige maior desdobramento do quadro comunicativo por conta da duplicidade da enunciação. Com isso, deveremos desdobrar as instâncias comunicativas, para dar conta, mesmo que parcialmente, das peculiaridades do gênero literário. Os textos literários e dramáticos possuem características que independem do nível situacional, devido à sua autonomia. Entretanto, o ato de linguagem, que é um “fingimento” e pertence à encenação, é produzido, de certa forma, dentro do nível situacional (circuito externo) e discursivo (circuito interno). O que nos permite fazer tal análise dentro do dispositivo sociocomunicativo abaixo:

Figura II - dispositivo de contrato sociocomunicativo aplicado ao discurso de Emma Bovary.

De acordo com o dispositivo sociocomunicativo, adaptado para o texto literário, o (EU_c) sujeito comunicante, é o escritor empírico, do mundo real. No caso, Flaubert, escritor francês

realismo que, contexto do século para ser lido idealizado: o destinatário,

refere-se ao pressuposto época, em mulheres e Entretanto, efetivamente



precursor do influenciado pelo histórico-social XIX, escreveu pelo leitor (TU_d) sujeito que como já dito anteriormente, público leitor dos romances da suma maioria, jovens burgueses. quem leu e lerá sua obra

é o (TU_i) sujeito interpretante, leitor empírico, leitores da época e, nós, atuais leitores da obra.

Por questões lógicas, o (EUc) sujeito comunicante não dialoga diretamente com seus leitores (TU_i) o sujeito interpretante. Para isto, o (EUc) sujeito comunicante utilizará das diversas encenações e possibilidades do (EUe) sujeito enunciador, Emma Bovary, e do (TU_d) sujeito destinatário, demais personagens, para **dialogar** com seus leitores, aspecto demonstrado no quadro com a indicação das setas pontilhas da esquerda para a direita.

No circuito do dizer, observa-se que, a personagem Emma Bovary, sujeito enunciador, dirige seu ato de fala para três sujeitos destinatários idealizados:

(i) a ela mesma para revelar ao leitor suas manifestações de pensamentos e as reflexões socioculturais que a afligem enquanto mulher pertencente a uma sociedade patriarcal. Tal aspecto pode ser observado no excerto a seguir, em que Emma, na condição de esposa, compreende a sua subordinação a Charles, ao ter que ocultar seus desejos, silenciar suas vontades, para atender às conveniências sociais. Mme. Bovary repudia a sua submissão e nos leva a compreender que o ódio transferido ao seu marido é fruto das limitações sociais sobre o feminino, que a torna “mulher-objeto”, sujeito de posse, segundo a Lei e a moral da época: do pai, de Charles e de seus amantes:

Não **era ele** o obstáculo para qualquer felicidade, a causa de toda miséria e como que o bico pontudo daquela fivela, daquela correia complexa que a fechava de todos os lados? Portanto, **transferiu somente para ele o ódio denso que resultava de seus desgostos.**” (FLAUBERT, 2008, p. 106, grifo nosso).

Ironicamente, nem mesmo o título da obra *Madame Bovary* (1857) fala sobre Emma, seu nome é composto por um pronome de tratamento, índice de *status quo* e o sobrenome que recebera de Charles, após o casamento. A narrativa, que deveria focar-se em Emma, tem início e fim com a história da vida de seu esposo que “nada desejava e nada sabia” (FLAUBERT, 2008, p.50). Tanto a identidade de Emma, quanto a sua própria vida, gira em torno daquele, que apenas por ser homem, possuía todos os direitos e poder sobre ela.

(ii) aos personagens do Romance com quem dialoga no decorrer da narrativa. Destacamos um trecho em que a Sra. Bovary mãe, delata à Emma a imoralidade do comportamento da criada, que fora surpreendida por ela, a conversar à noite com um homem desconhecido. A protagonista, entretanto, escandaliza a sogra ao questioná-la, “- A que mundo a senhora pertence? Disse a nora com um olhar de tal forma impertinente que a Sra. Bovary (mãe de Charles) lhe perguntou se por acaso não defendia sua própria causa” (FLAUBERT, 2008, p.172 parênteses nosso).

(iii) às mulheres e jovens burgueses capazes de compartilhar as mesmas inquietudes que as dela. Todos os excertos anteriores são direcionados aos leitores idealizados daquele contexto social. Emma não só pensa como também, age contra as barreiras sociais de seu tempo. Torna-se objeto sexual de seus amantes, mas também, os faz de objeto de desejo, envolve-se em dívidas e desestabiliza a organização familiar. A sua morte, embora seja um ato por ela iniciado, teve a contribuição de todos dentro da narrativa. O suicídio representa uma saída, encontrada pela personagem para libertar-se da opressão sociocultural oitocentista. Emma morre, não por seus amantes, mas por questões econômicas e de identidade, o que a diferencia das demais personagens românticas.

O próximo fragmento da obra a ser analisado, é de suma importância para aplicação no quadro sociocomunicativo, pois se trata do discurso que embasou a nossa pesquisa e nos leva a considerar Mme. Bovary como uma personagem que questiona a subordinação da mulher na sociedade do século XIX:

Desejava um filho; **ele seria forte e moreno** e se chamaria Georges; e a ideia de ter **um filho homem era como a esperança da compensação de todas as impotências passadas. Um homem, ao menos, é livre**; pode percorrer as paixões e os países, saltar obstáculos e gozar dos prazeres mais raros. **Uma mulher anda continuamente rodeada de empecilhos**. Inerte e ao mesmo tempo flexível, tem contra si as fraquezas da carne e as dependências da lei. A sua vontade, como o véu de um chapéu preso pelo cordão, flutua a todos os ventos, e há sempre algum desejo que arrasta e alguma conveniência que detém. (FLAUBERT, 2007, p.91, grifo nosso).

Neste trecho, Emma disserta sobre os motivos que a fazem rejeitar as possibilidades de a criança ser do sexo feminino. Percebemos o desprezo às características culturalmente femininas, ao expressar a intenção de que seu filho seja “forte e moreno” bem como, as marcas da influência da idealização romântica. Emma estabelece toda uma comparação entre homem: um ser “livre” e a mulher: “rodeada de empecilhos”, para defender seu posicionamento discursivo. O desejo de gerar um filho para “compensação de todas as suas impotências passadas”, pode ser, para muitos, uma manifestação sexista da personagem, que valoriza o sexo masculino e, de certa forma, reforça a inferioridade do feminino. Por outro lado, se considerarmos o contexto em que a obra está inscrita, e a pouca escolaridade, das mulheres da época, podemos compreender a negação da feminilidade, por parte de Emma, como um processo natural de libertação por meio da autocrítica, pois é através do reconhecimento das limitações que envolvem o sexo feminino, na sociedade oitocentista, que surge nela o propósito de mudança. Dado relevante para a (re) construção do quebra-cabeça

que é o *ethos* de Mme. Bovary: personagem complexa, que pode ser lida, dentre outras perspectivas, não só como uma mulher romântica e sonhadora, mas também, questionadora e moderna.

Esses atos de linguagem, que extraímos do gênero literário, deverão ser tratados como **atos fingidos**, pois são representações do mundo real por meio da ficção. Flaubert através de sua escrita constrói o *ethos* de Emma que age dentro do circuito interno, nível do **dizer**. É no nível do discurso que ela e os demais personagens de papel vivem suas vidas e, como observado, o confronto entre estes sujeitos da narrativa, acentua o *ethos* subversivo da protagonista e constrói o discurso: conjunto da obra.

Cabe ressaltar que todas as instâncias comunicativas referentes ao texto Literário e outros similares, devido algumas limitações, como não estamos nos comunicando diretamente com o autor: a comunicação ocorre mediante a obra, fazem com que os enunciados literários não sejam considerados atos de linguagem em si, mas pseudo-enunciados (enunciação) e pseudo-comunicações (texto literário). Devido ao caráter posterior e ficcional da escrita, pois embora pareça que os enunciados foram construídos no ato da leitura, esses discursos já foram elaborados, anteriormente, no circuito externo, pelo fazer literário do escritor.

Podemos por assim dizer, que no excerto que estamos analisando, Flaubert sujeito comunicante (EU_c) dá voz a Emma, “pseudo-sujeito comunicante” e sujeito enunciator (EU_e), direcionado ao (TU_d), receptor idealizado de seus dramas internos, mas que se trata de um desdobramento do (TU_i), leitor empírico a quem pretende chamar a atenção para mostrar-lhes a situação pela qual vivem as mulheres na sociedade. Emma enuncia um discurso que se confronta com a moral esperada para a mulher do século XIX. Ela mostra-se insatisfeita com a maternidade e, ao afirmar que não queria uma filha, revela em nível discursivo, uma visão crítica sobre as limitações sociais enfrentadas pela mulher no seu contexto social.

A atualização desse discurso, por nós, só ocorre, graças à manipulação indireta, iniciada por Flaubert, através de seu romance, e dos inúmeros desdobramentos das instâncias (EU_e) e (TU_d) realizada por ele, que nos permite “dialogar” com a obra e reconhecer no discurso de Emma, os conflitos de gênero ainda vividos pela mulher do século XXI, que embora, na teoria, vislumbre de condições favoráveis para sua emancipação, na prática, está longe de alcançá-la, pois, para muitas mulheres, optar pelos estudos, competitividade no mercado de trabalho, renúncia ao matrimônio e maternidade, não se trata apenas de uma escolha, mas de uma luta diária e permanente com um discurso que prega a desigualdade entre os gêneros. Vide a gama de anúncios publicitários, enredos de telenovelas e comentários

machistas nas redes sociais, responsáveis por “ditarem” os lugares reservados para a mulher na atual sociedade.

As circunstâncias específicas desta comunicação são as literárias, com finalidades próprias: atingir os leitores. Mas é o universo real (circuito situacional) que nos permitiu traçar as correspondências do discurso interno, na época tido como subversivo. Hoje, este discurso, como observamos, revela-se consoante com os ideais e os questionamentos que envolvem os debates sobre os gêneros, pois Emma, ao negar a maternidade, cometer o adultério e comportar-se socialmente com atitudes masculinizadas, confronta as ideologias envolvendo: as temáticas do casamento, da maternidade, da dupla moral que permite apenas ao homem o adultério, e de certa construção da feminilidade. Emma confronta, portanto, um número considerável de ideias, de ações e de comportamentos delineadores e repressores do comportamento feminino, e que, segundo alguns estudos da crítica feminista, são responsáveis, dentre outros: família, escola e religião, por reforçarem o discurso dominante (patriarcal), além de refrearem a emancipação da mulher. Circunstâncias que, apontam para a importância de se repensar o papel feminino na sociedade.

Considerações Finais

Neste trabalho, tivemos a pretensão de contribuir para mais um exercício de leitura que propõem a interface dos estudos literários com os linguísticos. Por meio de um recorte da construção discursiva do feminino, realizado por Flaubert que revela, dentre outras leituras possíveis, uma mulher condicionada a uma educação e sociedade patriarcais, mas que tem uma percepção própria da sua condição, dos seus desejos e, movida por ímpetos de coragem, insinua-se como sujeito livre, sobretudo em pensamento, posicionando-se em franca dissonância com o que se esperava da mulher da sua época.

O adultério e as compras compulsivas são caracterizadores de seu desregramento rumo à libertação e uma das saídas encontradas por Emma para atingir a felicidade alimentada pela imaginação. Mas como sabemos, não são suficientes para sanar esta lacuna, pois a busca da personagem era por uma liberdade que o seu contexto e a sua condição de mulher não permitiriam alcançar. Dessa forma, Flaubert e Emma, como ilustrados no quadro comunicativo, em que as vozes se confundem, antecipam em quase um século, os questionamentos sobre os gêneros e a condição da mulher na sociedade.

Compreendemos o suicídio da protagonista, não como um apagamento da voz feminina, antes, uma denúncia à violência social da época por uma profunda indisposição em transigir com certos protocolos sobre o feminino, pois a personagem luta contra todas as barreiras: leis, preconceitos, classe, moral, religião. E, de maneira heroica e libertária interrompe a vida de buscas, ilusões, hostilidades, moralismos e fantasias na qual fora condicionada a viver. Embora complexa e controversa, Emma simboliza, em uma Literatura de transição do Romantismo para o Realismo, assim como o contexto social da época. O início de uma mulher questionadora, que luta pela emancipação de seu sexo.

Referências

ABAURRE, Maria Luiza; ABAURRE, Maria Bernadete Marques. **Produção de texto: interlocução e gêneros**. São Paulo: Moderna, 2007.

ALTUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. Trad. J.J. Moura Ramos. Lisboa: Presença, Martins Fontes, 1974.

BARTHES, Roland. O efeito de real. In: **Literatura e Semiologia: seleção de ensaios da revista Communications**. Petrópolis: Vozes, 1972.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. **Dize-me qual é teu corpus, eu te direi qual é a tua problemática**. In: Diadorim v. 10, Rio de Janeiro, 2011.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

CHOPIN, Kate. **The awakening**. New York: Dover, 1993.

FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary Costumes de Província**. Trad. Fúlvia M.L Moretto. São Paulo: Nova Alexandria, 2007.

LAURETIS, Teresa de. **A tecnologia do gênero**. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org.) **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MAINGUENEAU, Dominique. **Doze Conceitos em Análise do Discurso**. São Paulo: Parábola, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, R. (org.) **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.

MELLO, Renata Aiala de. **Flaubert, Madame Bovary e Emma Bovary: ecos de *ethos***. 2012. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2012.

NERI, Regina. **A psicanálise e o feminino: um horizonte da modernidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade**. Porto Alegre, 1995.